



## RUBIÃO BOVARY, O PERSONAGEM NEGROGAY SOB PERSPECTIVA (AUTO)BIOGRÁFICA

*Antonio José de Souza<sup>1</sup>*

*Universidade Católica do Salvador, Programa de Pós-graduação em Família na  
Sociedade Contemporânea, Salvador, BA, Brasil.*

*Elaine Pedreira Rabinovich<sup>2</sup>*

*Universidade Católica do Salvador, Programa de Pós-graduação em Família na  
Sociedade Contemporânea, Salvador, BA, Brasil.*

**Resumo:** O presente artigo é parte de um estudo maior que teve como objeto de investigação o processo da construção “de si” negrogay na intimidade da família inter-racial e heterossexual, tendo como hipótese de partida a premissa de que os negrogays não têm, inicialmente, identidades positivas as quais possam afirmar, pelo contrário, tratam-se de identidades rechaçadas sob o ponto de vista do “outro”; logo, uma condição identitária dada *a priori*. Entretanto, o esforço dialético do “Eu” e do “Outro” engendra o processo da construção “de si” negrogay. À vista disso, fez-se necessário lançar mão do método (auto)biográfico. Participaram do projeto três professores baianos, no entanto, aqui, será apresentada a análise de um núcleo de significação extraído da história de vida do professor negrogay Rubião Bovary que emergiu como protagonista desta pesquisa, tornando-se o texto-base a partir do qual se organizou a análise focada na família como cenário de significação para a cor/raça de Rubião Bovary.

**Palavras-chave:** Identidades; Família inter-racial; Cor e raça; Pesquisa (auto)biográfica.

## RUBIÃO BOVARY, THE BLACKGAY CHARACTER UNDER (AUTO)BIOGRAPHIC PERSPECTIVE

**Abstract:** This article is part of a larger study that investigated the blackgay “self-building” process in the intimacy of the interracial and heterosexual family; taking as a

---

<sup>1</sup> Teólogo/Historiador. Doutorando do Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea (UCSal). Mestre em Educação e Diversidade (UNEB). Professor da Educação Básica do município de Itiúba (BA). Integrante do Laboratório LaPPRuDes – Políticas Públicas, Ruralidades e Desenvolvimento Territorial (IFBaiano), da Associação Brasileira de Pesquisadores(as) Negros(as) (ABPN) e bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB). E-mail: [tonnysouza@gmail.com](mailto:tonnysouza@gmail.com) ; ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-3416-5527>

<sup>2</sup> Psicóloga. Doutora em Psicologia Social. Pós-doutorado em Psicologia Ambiental e Psicologia e História pela Universidade de São Paulo (USP). Docente adjunta da Universidade Católica do Salvador (UCSal). Coordenadora do grupo de estudos Família, (Auto)Biografia e Poética (Fabep) da UCSal. E-mail: [elaine.rabinovich@pro.ucs.br](mailto:elaine.rabinovich@pro.ucs.br) ; ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-3048-6609>



starting hypothesis the premise that the blackgays do not initially have positive identities which they can affirm, on the contrary, they are identities rejected from the point of view of the “other”; therefore, an identity condition given a priori. However, the dialectical effort of the “I” and the “Other” engenders the process of building blackgay. In view of this, it became necessary to use the (auto) biographical method. Three Bahian teachers participated in the project, however, here, an analysis of a core of meaning extracted from the life story of professor blackgay Rubião Bovary, who emerged as the protagonist of this research, will become the basic text from which organized the analysis focused on the family as a scenario of significance for the color / race of Rubião Bovary.

**Keywords:** Identities; Interracial family; Color and race; (Auto)biographical research.

### **RUBIÃO BOVARY, EL PERSONAJE NEGROGAY BAJO LA PERSPECTIVA (AUTO)BIOGRÁFICA**

**Resumen:** Este artículo es parte de un estudio más amplio que investigó el proceso de “autoconstrucción” negrogay en la intimidad de la familia interracial y heterosexual; tomando como hipótesis de partida la premisa de que los negrogays no tienen inicialmente identidades positivas que puedan afirmar, al contrario, son identidades rechazadas desde el punto de vista del “otro”; por tanto, una condición de identidad dada a priori. Sin embargo, el esfuerzo dialéctico del “yo” y el “otro” engendra el proceso de construcción del negrogay. Ante esto, se hizo necesario utilizar el método (auto) biográfico. En el proyecto participaron tres maestros bahianos, sin embargo, aquí, un análisis de un núcleo de significado extraído de la historia de vida del profesor negrogay Rubião Bovary, quien surgió como el protagonista de esta investigación, se convertirá en el texto base desde el cual se organizó el análisis enfocado. sobre la familia como escenario de importancia para el color / raza de Rubião Bovary.

**Palabras-clave:** Identidades; Familia interracial; Color y raza; Investigación (auto)biográfica.

### **RUBIÃO BOVARY, LE PERSONNAGE NOIRGAY SOUS UNE PERSPECTIVE (AUTO)BIOGRAPHIQUE**

**Résumé:** Cet article fait partie d'une étude plus large qui a étudié le processus “d'auto-construction” noirgay dans l'intimité de la famille interraciale et hétérosexuelle; en prenant comme hypothèse de départ la prémisse que les noirgays n'ont pas initialement des identités positives qu'ils peuvent affirmer, au contraire, ce sont des identités rejetées du point de vue de “l'autre”; donc une condition d'identité donnée a priori. Cependant, l'effort dialectique du “je” et de “l'autre” engendre le processus de construction du noirgay. Compte tenu de cela, il est devenu nécessaire d'utiliser la méthode (auto) biographique. Trois enseignants bahianais ont participé au projet, cependant, ici, une analyse d'un noyau de sens extrait de l'histoire de la vie du professeur noirgay Rubião Bovary, qui a émergé comme le protagoniste de cette recherche, deviendra le texte de base à partir duquel a organisé l'analyse centrée. sur la famille comme scénario significatif pour la couleur / race de Rubião Bovary.



**Mots-clés:** Identités; Famille interracial; Couleur et race; Recherche (auto)biographique.

### **A PRIORI, EXPLICAÇÕES ÀS ESCOLHAS SITUADAS**

*“Memória de um tempo onde lutar por seu direito é um defeito que mata.”*  
(GONZAGUINHA, 1980)

No início da década de 1980, sob uma perversa ditadura militar, Gonzaguinha (1945-1991) compôs e cantou esses versos da epígrafe. Empunhando um violão de melodia triste e voz cadenciada em ritmo de protesto, dedilhou, para um tempo sem memória, pequenas histórias que a História nos contou de uma época circunscrita por obscuras passagens e personagens tão atuais quanto ineptos; tão beligerantes quanto propulsores do temor nosso de cada dia.

Por esse motivo, que o, “[...] projeto de narrativa é tão difícil hoje [...]” (MORRISON, 2003, p. 216) e, por razões óbvias, torna-se “atrevimento” propor um estudo ressaltando as identidades de professores negrogays, escrito desta forma – negrogays<sup>3</sup> –, consubstanciado sob um único termo, unificado por experiências estigmatizantes diferentes, a partir das suas histórias de vida tangenciadas na relação família-escola, em contexto conflagrado em que se assiste à ascensão da extrema direita, a robustez do fundamentalismo religioso em Marcha pela Família com Deus<sup>4</sup>, de professores expostos pelo refutável Escola Sem Partido<sup>5</sup>, e as profusas declarações

---

<sup>3</sup> A inspiração para o neologismo “negrogay” veio da escritora Toni Morrison (2011), quando ela escreve “homembranco” no romance *Amada*, por exemplo, na seguinte passagem: “Dois negros perdidos? [...] e se um homembranco encontra você isso quer dizer que você com certeza está perdido” (MORRISON, 2011, p. 325). Portanto, correspondente a uma pessoa com ambos os elementos identitários, unidos e agrupados de forma indesejável. Vale destacar que o seu uso será discutido durante o texto e que não estará nem entre aspas nem em itálico devido à amiudada presença do neologismo, transformado em categoria de pesquisa. Por essa razão, é desobrigado de qualquer tentativa de ênfase.

<sup>4</sup> MARCHA da família reúne grupos evangélicos no bairro do Recife. *Jornal G1 Pernambuco*, 29 jun. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/2019/06/29/marcha-da-familia-reune-grupos-evangelicos-no-bairro-do-recife.ghtm>. Acesso em: 23 out. 2019.

<sup>5</sup> DEPOIS do esculacho, como fica a vida? *Revista Nova Escola*, abril de 2018. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/11638/depois-do-esculacho-do-escola-sem-partido-como-fica-a-vida>. Acesso em: 23 out. 2019.



ofensivas do Chefe do Executivo (o “fulano de tal que tai”<sup>6</sup>), e seus asseclas, contra as mulheres, os negros<sup>7</sup>, os gays<sup>8</sup>, os pobres e os nordestinos, portanto, o achincalhamento factual, público e institucional da, por assim dizer, legião dos esquecidos de nosso país. A reboque desses acontecimentos, acha-se a premente consciência em relação a quem somos e o que nosso país nos considera, observando “[...] toda a história sangrenta [...] para nos fazer apreender sua realidade e para nos situar numa sociedade dilacerada [...]” (SARTRE, 1967, p. 22).

Fundamenta-se o medo ante as condições que Hannah Arendt (1906-1975) chamou de isolamento radical, no qual não se pode ver e ouvir os outros e nem ser vistos e ouvidos por eles, a exemplo do que geralmente acontece em regimes tirânicos; mas também adaptável às circunstâncias da sociedade de massas “[...] onde vemos [...] cada um a manipular e prolongar a perspectiva do vizinho.” (ARENDR, 1987, p. 67). Com isso, justifica-se ter negrogays preenchendo os vazios silenciosos do nosso tempo com reflexões reveladas das suas próprias (“de si”) perspectivas e vidas, dizendo o que tem sido indizível, advertindo sobre o perigo que é o “não-ser”, porque ter medo alucina “um-eu”.

Por conseguinte, espera-se, ao menos, garantir a possibilidade do negrogay ser visto e ouvido por si mesmo e, porventura, tornar-se uma espécie de interlocução fora deste artigo (MORRISON, 2003) que é a reprodução de uma parte da Tese de Doutorado, em construção, do primeiro autor (aquele que tem, aqui, a prerrogativa das palavras em primeira pessoa), vinculada ao Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea (PPGFSC) da Universidade Católica do Salvador (UCSal), sob a orientação da segunda autora. O projeto – aprovado pelo CEP/UCSal/CAAE n.º: 37297620.1.0000.5628 – que deu origem a referida tese teve como objeto de investigação o processo da construção “de si” negrogay na intimidade da família inter-racial<sup>9</sup> e

---

<sup>6</sup> Trecho da música *Recado*, sétima faixa do LP/CD homônimo, do cantor e compositor Gonzaguinha, gravado em 1978, pela EMI-Odeon.

<sup>7</sup> O RACISMO de Bolsonaro está para além das suas declarações. *Jornal Mídia NINJA*, 21 março 2019. Disponível em: <http://midianinja.org/pedroborges/o-racismo-de-bolsonaro-esta-para-alem-das-suas-declaracoes/>. Acesso em: 23 out. 2019.

<sup>8</sup> 100 FRASES homofóbicas de Jair Bolsonaro. *Revista Lado A*, 17 mar. 2017. Disponível em: <https://revistaladoa.com.br/2016/03/noticias/100-frases-homofobicas-jair-bolsonaro/>. Acesso em: 23 out. 2019.

<sup>9</sup> Sobre família inter-racial tomo de empréstimo o conceito encontrado por Lia Schucman (2018), ante sua razoável questão: “[...] como poderíamos considerar que uma família é inter-racial?” (SCHUCMAN, 2018,



heterossexual; tendo como hipótese de partida a premissa de que os negrogays não têm, inicialmente, identidades positivas as quais possam afirmar, pelo contrário, tratam-se de identidades rechaçadas sob o ponto de vista do “outro”; logo, uma condição identitária dada *a priori*. Entretanto, o esforço dialético do “Eu” e do “Outro” engendra o processo da construção “de si” negrogay.

Refere-se ao esforço porque, dentro da família inter-racial e hétero, replica-se a estrutura hierárquica racial e heteronormativa existente na sociedade, gestando conflitos e tensões. Isso porque filhos de casais inter-raciais, os mestiços, vivenciam processos complexos quanto à constituição e ao pertencimento racial, constituindo-se um “obstáculo”, por ser “[...] híbrido, pelo cruzamento de espécies supostamente diferentes, possui, segundo alguns, uma conotação pejorativa.” (OLIVEIRA, 1974, p. 70). Nesse sentido, o mestiço é traidor, degenerado, um quase branco, a solução, é um e outra coisa, é ou não. Em definitivo, é a síntese da ambiguidade existencial extrema (DAFLON, 2017; OLIVEIRA, 1974; SCHUCMAN, 2018; SCHWARCZ, 2012). Uma indefinição também vivenciada pelo filho gay quanto à identidade homossexual postergada, pois, aguarda-se o momento da decisão que se revelará pedagógica, já que ensina a quem insiste pelo infame senso comum do “macho-fêmea” (MOTT, 1999).

Assim, tem-se a reunião de diferentes temas, a saber: identidades negrogays, mestiçagem, família inter-racial-hétero, docência e pesquisa (auto)biográfica; articulados entre si, convergindo para uma mesma posposta de tese. O ajuntamento desses temários não tem sido focado por pesquisas científicas, incidindo em uma problemática caracterizada, similarmente, pela discriminação e pelo preconceito, os quais devem ter sido, em certa medida, responsáveis por essa ausência. Desse modo, o presente estudo pretendeu ocupar parte desse vazio, especificamente na área dos estudos em família e educação, lançando luz sobre as dinâmicas sociopessoais desveladas.

Finalmente, diante da instrução sobre a precípua novidade, singularidade e ineditismo da tese, a questão autoral desta pesquisa está simplesmente na experiência que é revelação daquilo que, vindo de fora, por exemplo, família-escola-profissão docente, encontra-se com a nossa subjetividade e faz nascer, começar um mundo, dado que se “é”

---

p. 32). Como a própria autora reconhece a impossibilidade de se partir do zero, partirei, então, de alguns estereótipos. O primeiro, a respeito da noção normativa de família e, o segundo, sobre a classificação racial, pois, para a pesquisa, o casal (pai e mãe) – com filhos – terá que se considerar socialmente branco e outro negro (SCHUCMAN, 2018).



com o “outro” (RABINOVICH, 2015). A novidade está na pulsão que ultrapassa o método (auto)biográfico, tendo em vista que, quando partimos em direção a um outro tempo “de *si*”, acha-se a “poética de *si*” que é a experiência de subjetivar-se quebrando, pela memória, a narrativa em partes, expondo-a para construir uma linguagem que replique toda a beleza de “ser” alguém, apesar desses dias desventurosos.

Participaram do projeto três professores baianos. O primeiro professor é a *persona* principal deste artigo: Rubião Bovary (com nome e sobrenome de duas importantes figuras literárias – Rubião, personagem do livro *Quincas Borba*, de Machado de Assis (1839-1908), e Emma Bovary do clássico, escrito por Gustave Flaubert (1821-1880), *Madame Bovary: costumes de província*). O segundo professor chama-se Gregor Samsa – nome inspirado no personagem primeiro do livro *A metamorfose* de Franz Kafka (1883-1924). O terceiro professor responde por G.H. – personagem título da obra *A paixão segundo G.H.* de Clarice Lispector (1920-1977).

Durante as entrevistas narrativas, os professores foram encorajados a falar e a selecionar eventos significativos, a partir do recorte histórico, concernentes ao processo da construção “de *si*” negrogay na ambiguidade existencial em uma família inter-racial e heterossexual; analisando-os por três questões, elaboradas por Passeggi (2010, p. 333), a saber: “[...] que fatos marcaram minha vida? O que eles fizeram comigo? O que faço agora com o que isso me fez? [...]”. Eis as questões disparadoras da entrevista que, inicialmente, teve uma característica “[...] mais livre e exploratória, pois nesse momento o [objetivo foi] a compreensão geral das perspectivas sobre o tópico.” (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 136).

Por fim, como já fora dito, o professor Rubião Bovary que emergiu como protagonista desta pesquisa devido à complexidade do relato memorialístico e de suas inúmeras e cruzadas imbricações, tornou-se o texto-base a partir do qual se organizou a análise deste artigo.

### QUEM É RUBIÃO BOVARY?

*“[...] Queria ver Barbacena. Barbacena era a primeira terra do mundo. [...], Rubião [...] tinha a terra natal em si mesmo: ambições, vaidades da rua, prazeres efêmeros, tudo cedia ao mineiro saudoso da província. Se a alma*



*dele foi alguma vez dissimulada, e escutou a voz do interesse, agora era a simples alma de um homem arrependido do gozo, e mal acomodado na própria riqueza. [...] Rubião, sem saber por que, e apesar do seu próprio luxo, sentia-se o mesmo antigo professor de Barbacena...”*  
(ASSIS, M. de, 2020, online)

*“[Bovary] [...] confundia-se num mesmo sofrimento [...]. Irritava-se com um prato mal servido ou com uma porta entreaberta, lamentava-se pelo veludo que não possuía, pela felicidade que lhe faltava, por seus sonhos grandes demais, por sua casa por demais acanhada.”*  
(FLAUBERT, 2007, p. 106)

Foi durante a feitura dos Núcleos de Significação de Rubião Bovary que me ocorreu chamá-lo pelo famoso nome e o tão famoso sobrenome. Primeiro, porque me impeliu, como bem disse Antonio Prata (2010, p. 17) – no texto da crônica *Os outros* –, a sentir um “[...] espasmo filosófico, a físgada ontológica [fazendo-me ver] o mundo por seus próprios olhos, [sentir o] peso sobre seus ombros, [ter os seus] antepassados [...]”.

A leitura das histórias de vida de Bovary funcionou como se fosse um “portal”, tal qual a toca de coelho que trasladou a menina Alice para o lugar paralelo das maravilhas, e, assim, eu fui catapultado, lançado para o mundo de Bovary de modo heideggeriano, a saber, sendo-no-mundo – tempo, lugar, família, aparência – sem tê-lo escolhido e, apesar disto, ser-aí em um mundo de outrem, procurando sentir no ser dele, pensando a existência através da sua pre-sença que, à proporção da narrativa “de si”, refletia sobre si mesmo (HEIDEGGER, 2005). Compulsoriamente, “tornei-me outro” em uma espécie de bovarismo – segunda razão pela escolha do sobrenome, pois, como explica a psicanalista M. R. Kehl (2018, p. 21, grifos da autora):

[...] o termo foi calcado na personagem mais conhecida de Gustave Flaubert, uma ambiciosa e sonhadora pequeno-burguesa de província que, à força de ter alimentado sua imaginação adolescente com literatura romanesca, ambicionou “tornar-se outra” em relação ao destino que lhe era predestinado. Nesse projeto [...], Emma Bovary investiu tudo o que podia: sua vida erótica, sua imaginação romântica e [...] o pouco dinheiro ganho por seu marido, o medíocre médico Charles Bovary.



Bovary aproxima-se da personagem de Flaubert quando, “caído” no meio de uma família heterossexual e inter-racial, percebe-se, ainda na infância, defrontado, como ele mesmo diz, por “[...] muitos problemas com relação à questão de aceitação.”. Pai escuro, mãe clara; três filhos pardos – uma menina e dois meninos. Bovary é o mais novo dos filhos, algo que ele contou entre risos contidos: “[...] eu sou o terceiro, o caçulinha da família [risos].”. Nessa perspectiva, lançando mão da premissa de Sartre (2014, p. 38), aquela que, sublinhando a situação do homem, enfatiza sua autoconstituição, afinal, conforme o filósofo existencialista, “[...] ele [o homem] não está feito de antemão, mas se faz escolhendo sua moral, e a pressão das circunstâncias é tal que ele só não pode não escolher uma.”. Frente à pressão, Bovary “escolheu” “tornar-se outro”, ao menos, na sua imaginação.

O meu pai é negro, a cor da pele é escura e minha mãe é branca. Aí eu percebi a diferença, porque eu tinha a cor da pele mais puxada mais para meu pai do que para minha mãe. Isso me deixava um pouco angustiado [risos]. Eu me lembro que eu queria ser da cor da minha mãe [risos]. [ANTONIO: Com qual idade?] [BOVARY] Na faixa etária de cinco para seis anos que é a idade que eu lembro nitidamente da infância. Então, era essa questão: eu queria ser da cor da minha mãe. [...] Eu queria ser a mulher branca, aquela galega que chamava atenção dos homens quando passavam, né! Então, eu fui crescendo com essa visão, com essa construção dentro da minha cabeça, minha mente [...]. (BOVARY, R.)

Ser o último filho de uma família transpassada por questões raciais, exercidas por forças quer sejam inflexíveis ou sutis, porém, sempre tensas, fez Bovary se conhecer interseccionado, também, pela feminilidade (da mãe e da irmã) e a masculinidade (do pai e do irmão). Por isso, ouvi-lo rememorar o contexto dessas experiências foi vê-lo, como destaca Agamben (2005, p. 65), “[...] reentrar na infância como pátria transcendental da história [...], assim como a experiência, enquanto infância e pátria do homem [...]”. O regresso à pátria originária permitiu-me testemunhar o esforço de Bovary em balbuciar o “eu” entre os vários “eus” falantes em diferentes formas e possibilidades no seu mundo, a própria Babel (AGAMBEN, 2005).

Possibilidades próprias de ser ou não ser, possibilidades que, de acordo com Heidegger (2005, p. 39), “[...] são ou escolhidas pela própria pre-sença ou um meio em que ela caiu ou já sempre nasceu e cresceu [...] assumir-se ou perder-se [...]”. Enquanto ser-no-mundo, Bovary esteve/está ante um mundo que é forçosamente o meio para a



construção “de si”. Um mundo limitado, marcado por suas restrições personificadas nas liberdades dos “outros, *outros*” (grifo meu), portanto, ainda citando Heidegger (2005, p. 92):

A expressão “sou” se conecta a “junto”; “eu sou” diz, por sua vez: eu moro, me detenho junto... ao mundo, como alguma coisa que [...] me é familiar [...] “eu sou”, isto é, como existencial, significa morar junto a, ser familiar com... *O ser-em é, pois, a expressão formal e existencial do ser da pre-sença que possui a constituição essencial de ser-no-mundo* [grifos do autor].

Bovary apresenta-se como se enfrentasse uma “condenação” por ser livre, “[...] condenado, porque que ele não se criou a si mesmo, e, [...], contudo, é livre, já que, uma vez lançado no mundo [...]” (SARTRE, 2014, p. 24), precisou, à custa “de si” próprio, criar o seu projeto existencial a partir das experiências pessoais, isso quando ainda morava em uma localidade pequena, vivendo entre os já conhecidos amigos da rua, os colegas da escola e a cotidianidade morosamente habitual.

Mas, também, quando se mudou, com toda a família para uma cidade de médio porte, na qual a fantasia de ser “outro” intensificou-se em uma construção à guisa de *Rubião*, personagem do livro *Quincas Borba* de Machado de Assis (2020), que, como *Emma Bovary*, tem origem provinciana e, após receber uma herança, migra da pequena Barbacena interior de Minas Gerais, para a Corte – Rio de Janeiro oitocentista – onde, de acordo com Kehl (2018, p. 32-33), o simples professor Rubião “[...] tenta posar de cidadão do mundo [...] vai progressivamente abandonando o modo de pensar provinciano para tentar [...] fazer-se passar por um outro [...] do qual se sentia muito, muito distante.”.

Assim, suponho ter apresentando, ainda que brevemente, o Rubião Bovary, bem como as referências literárias para a origem desse nome composto de sentidos genuínos. Feito isso, passarei para análise mais pormenorizada à luz da *Self*-dialógica.

## **FAMÍLIA: CENÁRIO DE SIGNIFICAÇÃO PARA A COR/RAÇA DE RUBIÃO BOVARY**

*“A minha família, era uma família que não discutia esses assuntos. Não sentávamos para falar dessa questão de gênero, de raça, nada disso. Isso eu descobri com o tempo, principalmente na escola. Mas, com relação à família,*



*dentro de casa, essa identidade dentro da família não tinha. Lógico que eu vim perceber essa questão de [pausa curta] raça, de cor por conta dos meus pais.”.*  
(BOVARY, R.)

Entre os três professores negrogays que narraram suas histórias de vida neste estudo, Bovary foi o único que iniciou comunicando o termo família. Como se pretendesse demonstrar o seu princípio existencial na família, ainda que não tivesse exatamente esse discernimento (sim, isso é uma inferência), porque a minha pergunta inicial aludia à família, mas não a tratava com exclusivismo. No entanto, é interessante perceber que, de pronto, Bovary constrói um período no qual a palavra família aparece enunciada por duas vezes consecutivas.

A primeira antecedida por uma partícula que indica posse, recurso pessoal – “[...] minha família [...]” –, um núcleo de vida sob a ótica do filho-narrador que demonstra a preocupação imediata de colocar-se no mundo enquanto célula de vínculo extensivo a todos; seja pela família (identidades biogenéticas) e, conseqüentemente, pela sociedade (culturas, histórias). “A minha família [...]”, representa a tentativa de construir para si aquilo que o sociólogo Donati (2008, p. 135), chamou de “[...] sentido ao nexo existencial que os laços familiares têm para cada um em sua vida social.”.

A segunda, “[...] era uma família [...]”, tem uma função marcada no passado, no tempo que só se pode acessar pela “lembrança” do “vivido” (RICOEUR, 2007). Ao escolher dizer dessa forma, Bovary parece querer narrar: “Era uma vez uma família [...]” e, assim, encadeasse uma contação de qualquer clássico das histórias infantis que, dadas as devidas proporções, são tão parecidas. Semelhante é, também, o fato de que nas histórias de vida dos três professores negrogays que compõem esta pesquisa, bem como na minha própria história, a família é lembrada como o *locus* em que se “agasalha” o silenciamento das questões de gênero, de raça; neste viés, diz Bovary: “Não sentávamos para falar dessa questão [...], nada disso. Isso eu descobri com o tempo, principalmente na escola.”.

A inexistência é lida como uma lacuna de algo que deveria ser cumprido pela mediação da família, no entanto, é preenchida, sobretudo, pela escola. “Não sentávamos para falar dessa questão [...]”, coloca em xeque a perspectiva da família como mediadora, quer dizer, instrumento situado entre partes. Bovary deixa escapar a compreensão de que



a família é o meio (o fio condutor) entre o eu-sujeito e o eu-no-mundo, operando “[...] como intermediária, co-ligando os termos [...] *instrumento de referência ou atribuição de significado* [...]” (DONATI, 2008, p. 136, grifos do autor).

Atendo-me ao fato de que estou apreendendo Bovary enquanto um indivíduo entremetido na relação familiar, colocado no meio de outros indivíduos, constituindo uma rede, estou, com isto, entendendo que essa rede/família é também inserida e integralizada em um contexto social maior. Logo, a família participa, de modo dinâmico, das relações sociais. Estar no bojo de “[...] uma vida de paradoxo e contradição [...]”, como disse Berman (1986, p. 13); ou ainda na fluidez dos velhos modos de conduta, liquefeitos em “[...] padrões e figurações que, ainda que ‘novas e aperfeiçoadas’, [são] tão duras e indomáveis como sempre [...]”, constata Bauman (2001, p. 14, grifos do autor). Dessa maneira, conclui Petrini (2008, p. 18), “[...] estes fatores, entre outros, repercutiram de variados modos na constituição da família contemporânea e de suas relações.”

Para elucidar o emudecimento da família de Bovary, é preciso estudá-lo como um fenômeno condicionado às questões encapsuladas no preconceito, quer dizer, questões centradas na relação intrínseca entre os aspectos psíquicos e sociais, constituintes da ação que não é congênita, uma vez que é socialmente construída, instalando-se no desenvolvimento “de si” enquanto um indivíduo resultante “[...] das relações entre os conflitos psíquicos e a estereotipia do pensamento [...] e o estereótipo, o que indica que elementos próprios à cultura estão presentes.” (CROCHÍK, 1996, p. 47).

Diante disso, as condições que geram tal invólucro encontram-se na realidade histórica que incide no sistema de socialização. O influxo vindo desse processo externo, cultural tem, na interioridade singular do indivíduo, o lugar para se adaptar e constituir novas formas de estruturação, isto é, ser ou não ser preconceituoso, o que implica devolver ao mundo externo a repercussão de uma identificação, replicando o preconceito ou um indeferimento que o contrapõe. Nessa lógica, para contrapor, é preciso que o indivíduo reflita sobre si mesmo e os “outros” nas experiências estabelecidas em profusas circunstâncias da vida relacional. Logo, a ausência da experiência refletida é o preâmbulo do preconceito (CROCHÍK, 2011).

Assim sendo, quando Bovary diz que sua família não sentava “[...] para falar dessa questão de gênero, de raça, nada disso [...] [descobrimo] com o tempo, principalmente na escola [...]”, ele pronuncia o óbvio, qual seja: o silêncio, neste caso, é



uma reação sem reflexão “[...] que consiste em fingir-se de morto frente ao objeto que gera estranheza. É uma reação análoga à do animal que imita a natureza para se defender do predador; mostra um olhar fixo que vendo além de alguém não consegue vê-lo.” (CROCHÍK, 2011, p. 16).

Comigo algo equivalente aconteceu, porque não havia nas pautas das conversas em família a presença das discussões de gênero, raça ou classe. Hoje eu tenho a consciência de que as vivências de toda forma de exclusão acumulada nas histórias de vida das matriarcas da minha família são, definitivamente, evidências das formas sociais de não-existências por serem mulheres, não-brancas, pobres e pouco escolarizadas (SANTOS, 2002). Somado a esses elementos, tinha o contexto social da época que não favorecia o hasteamento de qualquer bandeira identitária; era regra, naquela cidadezinha do sertão baiano, seguir na mesma entoada do silêncio sem reflexão, por conseguinte, eram ressecções experienciadas no social com reverberações na vida privada.

Na história de vida de Gregor Samsa, encontrei um relato que converge para o silenciamento sobre as questões identitárias no âmbito familiar, destacando, como Bovary, a escola enquanto território que vai à frente e precede tais discussões.

Na minha infância a gente nunca parou para discutir questões ligadas à identidade racial ou sobre a posição do negro, do branco dentro da sociedade. Em casa nunca teve esse tipo de discussão [pausa curta]. Meu pai é negro, minha mãe é o que chama de branca, branca mesmo; mas, assim, nós nunca tivemos essa discussão e as coisas foram passando pra mim de uma maneira normal. Assim, eu não tinha em casa visões preconceituosas em relação a isso, mas também não se discutia, né? E na época da escola, também, as coisas foram se passando de maneira normal. Assim, não tinha essa discussão toda [pausa curta]. Quando passou minha infância, no começo da adolescência, eu mudei para o Recôncavo, né? Eu morava numa cidade que fica numa região do estado que eu considerado ter uma presença negra pequena e eu mudei para o Recôncavo que tinha uma realidade diferente. Mas, até então, também, eu nunca tinha parado para refletir sobre alguns aspectos porque, até então, na minha cabeça não tinha tanto preconceito como realmente existia, né? Então, talvez o ambiente em que eu estivesse fosse um pouco mais confortável. [...] Agora essas discussões sobre as questões raciais e a posição do negro nas sociedades só foram mais fortes para mim a partir do Ensino Médio. E eu atribuo isso muito à escola, porque assim; a gente tinha esse tipo de discussão, principalmente nas aulas de História e nas aulas de Sociologia, e aí quando você parte para esse tipo de discussão na escola você começa, também, a se despertar para algumas coisas. E a partir disso eu comecei a observar e a refletir realmente como as coisas funcionam. Mas, isso veio mesmo acontecer já no Ensino Médio por conta de estudar numa escola maior, ter uma maturidade maior e também do contato até com os próprios professores que traziam essas discussões. Mas, hoje, parando para pra pensar, eu ainda acho que era muito pouco, na época, né? Eu acho que poderia ter sido mais aprofundado. (SAMSA, G.)



Foi na escola onde eu também tive acesso aos primeiros conteúdos sistematizados que, no meu caso, tentavam explicar, através da ótica das culturas hegemônicas, o que já era parte do meu cotidiano, contribuindo, inclusive, com o processo sutil de negação da minha negritude (SOUZA, 2020). Algo que se iniciou na família de modo inaudível, sonegado, inconsistente, ganhou o seu clímax na escola, afinal “[...] quem duvida que a escola [...] desempenhou esse papel [...] que, em troca do código escrito que ela ensinou, [...] deixou os alunos com vergonha de seus pais e de seu ambiente, baixou sua autoestima?” (MOURA, 2003, p. 19). Quem duvida que, na infância, minhas aulas de história tinham o seguinte objetivo:

[...] de tornar o africano visível, invisível e descuidado, do ponto de vista etnográfico e antropológico. Eram aulas que cheiravam a sangue de negro escravizado, numa divulgação horrenda de ilustrações brutais dos negros sendo espancados, chicoteados e violentados em sua dignidade. As páginas dos livros didáticos estavam ensopadas de preconceito subliminar, contra os negros e os índios que nunca figuravam como protagonistas e, quando surgiam, eram em menções que os inferiorizavam perante os brancos. Não me recordo de ter visto, nos livros de Ciências, negros/as desempenhando funções consideradas de prestígio. As imagens, de modo geral, estampavam o/a negro/a serviçal executando cargos “menos nobres” e submissos. Por que só os/as brancos/as podiam ser cientistas? Como se perceber negro/a perante uma educação segregacionista e eurocêntrica, mancomunada a estereótipos racistas, relacionando crianças negras a doenças e crianças brancas a higiene e saúde? (SOUZA, 2018, p. 21-22)

Bovary não é explícito e nem oferece maiores detalhes que sustentem uma análise acerca de uma eventual participação da escola sobre sua assumida dificuldade de aceitação. Contudo, pode-se constatar que o seu conflito tem origem no “outro” que, quando fala, desempenha determinada autoridade que repercute, no eu-criança de Bovary, uma adulterada autoconsciência, uma vez que, dessa revelação através do “outro”, tem-se, em concordância com o sociólogo, historiador, filósofo e ativista político W.E.B. Du Bois (1998, p. 39), “[...] uma sensação peculiar, essa dupla-consciência, esse sentido de sempre olhar a si próprio através dos olhos de outros, [...] através da métrica de um mundo que o contempla com divertido desprezo e pena.”.

Bovary conta que, entre os cinco e seis anos de idade, quando falavam, associando sua cor de pele à tez enegrecida do pai, sentia-se incomodado, angustiado – sensações nunca proferidas, apenas sentidas no mundo interior. Era, diz ele: “[...] uma





apregoam a impertinente cor mestiça-escurecida de sucessão paterna; em consequência, o pai é, também, um “outro” na experiência de Bovary, tanto quanto o próprio Bovary é um “outro” no âmbito da consciência reflexiva “de *si*” mesmo, pois, pela memória do vivido, tem-se a projeção do “si-mesmo” narrado como “outro”, o *Self* narrativo (RICOEUR, 2006).

Quer dizer que, ao narrar, Bovary se identifica com o autor (*Self*-autor), condição que possibilita o “eu”, no cenário do vivido, a delinear o fio condutor da sua contação memorialística no “aqui-e-agora”, observando no “lá-e-então” do “mim” – o personagem principal – as ações, os pensamentos e as falas/vozes em autodialógico, sem prevalecer hierarquia entre o “eu” e o “mim”, porque o de agora é o de antes; o da ação é o que reflete a ação (RICOEUR, 2006; SOUZA; GOMES, 2009; IRIART; BASTOS, 2014).

Em síntese, a rejeição “de *si*”, declarada por Bovary, é uma imagem testemunhada por um eu-conhecedor que, consciente das ações do “mim”, sabe-se “situado” no mundo e, por isto, posiciona-se na não-aceitação para depois se reposicionar, através da criação de um mim-“outro” que, mesmo sendo um personagem imaginariamente concebido, é dotado de voz um tanto autônoma, com capacidade para interagir na história com outros personagens/vozes, cambiando informações sobre seus intrínsecos “mims” e seus mundos (HERMANS, KEMPEN; VAN LOON, 1992).

É a perspectiva dialógica do *Self* que descentralizando o “eu” permite a sua profusão em posições volantes, funcionando em personagens com uma voz que, ao contar “de *si*”, transita no complexo *Self*, estruturado, por exemplo, no seguinte fragmento narrativo de Bovary:

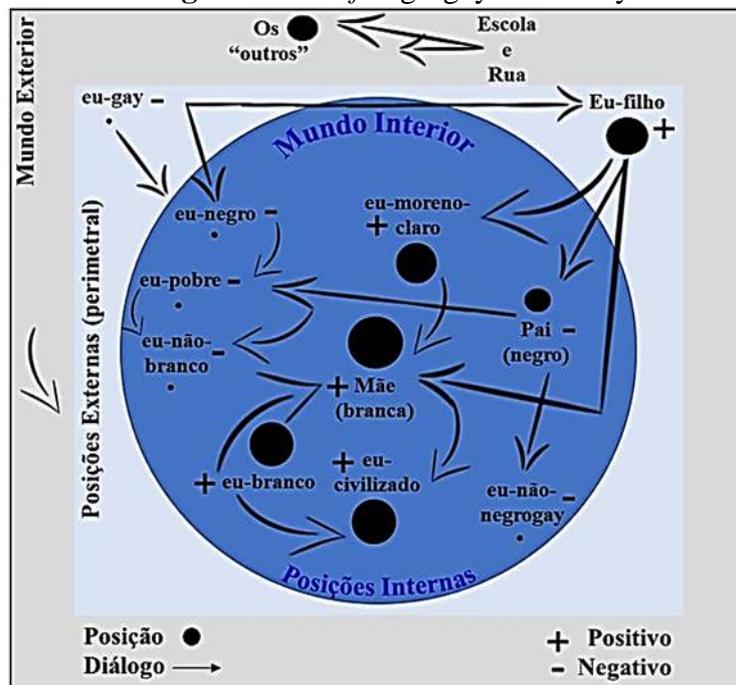
[...] eu não queria ser negro, porque negro era pequeno na sociedade [...]. Como eu já era rotulado como homossexual, o gayzinho da rua da escola, o viadinho [...] era apelidado por minha sexualidade. [...] eu não gostava, eu não queria que isso fosse de fato verdade. E eu não queria que as pessoas me chamassem desses apelidos, então eu criei um personagem. Comecei a querer ser o que eu não era como uma forma de defesa. Então, eles vão me olhar como uma pessoa de padrão social elevado. [...] Se alguém pensasse em me chamar de viadinho, veria: olha quem ele é? [...] A negação do negro era uma defesa, por não querer ser visto como pobre. [...] não vou dizer que sou negro, sou moreno claro, mas tenho padrões. (BOVARY, R.)

Bovary sabia-se “ser de cor”, mas não queria sê-lo, não aceitava ter a cor escura da pele do pai (negro). Contudo, tolerava a *persona*, a ideia de ser “moreno claro”. Ao menos moreno, porque era próximo da mãe clara (branca). Nessa significação, a



mestiçagem e a morenidade prevalecem, se não por orgulho ao menos pelo debilitado privilégio surgido da ideia de origem e ancestralidade da mãe-mestiça-branca que é considerada branca por Bovary quando colocada em oposição ao pai-mestiço-negro (SCHUCMAN, 2012). Entretanto, se essa brancura “triumfante” da mãe-mestiça for posta no interior do “*métier*” dos brancos será, conforme Schucman (2012, p. 84, grifos da autora), revogada, recebendo a pecha de “meio encardida”, porque “[...] há características da mestiçagem que hierarquizam, por assim dizer, esta brancura. No subgrupo que alega ter origem europeia, há uma distinção entre o ‘branco brasileiro’ e o ‘branco original’.”.

**Imagem 2:** O *Self* negrogay de Bovary



Fonte: Narrativas de Bovary. Elaborado por Souza (2021).

A partir da concepção dialógica do *Self*, o eu-autor de Bovary se reparte em distintas vozes quando resignado pelo moreno-claro – o que, definitivamente, não significa ser branco –, exterioriza uma compensação: “[...] *mas* tenho padrões [...]” (grifo meu). A conjunção “mas” coloca em perspectiva uma espécie de advertência na autoimagem de moreno-claro, qual seja: o *Self* de Bovary, por ser atravessado compulsoriamente por um ideal de brancura, sente-se obrigado a criar para si uma ideação identificatória que é conflitante com as características biológicas do seu corpo não-branco (COSTA, 1983).



A consciência “de si” não-branco conflitua com o posicionamento do “mim” que, seguindo o *script* oferecido pelo contexto sociocultural, compreende o negro como “pequeno na sociedade”; dito de outro modo, o negro é pobre, degenerado, hediondo; destarte, se na vida Bovary se comporta como um homem que “tem padrões”, não pode ser negro (FANON, 2008). Assim, o “eu” que conduz a ação narrativa e outorga as interpretações é o “eu” que contemporiza a dubiedade e a ambiguidade do mestiço, transparecendo o insistente preconceito que “tolera” a mestiçagem por ser, no resultado do processo de hibridização do negro com o branco, a única possibilidade de se tornar “agente de civilização” = “pessoa de padrão social elevado” (COSTA, 1983). Em razão disso, Bovary, ao se considerar “moreno-claro”, ressalta o seu “ser mestiço” de preponderância hereditária branca, abstraindo – por defesa, pois ele já era rotulado como homossexual – o fato que a miscigenação branqueia, não obstante, também, escurece (RISÉRIO, 2017).

Por consequência, era reconfortante sentir-se branco por meio da cor clara da mãe, ascendendo ao um outro nível na “escala evolutiva”, já que, assumir-se “de cor”, puxado para o pai, significaria sucumbir à posição negativa, condição insuportável para o *Self* de Bovary que, nesse momento narrativo, surge em desordem por conta da homossexualidade. Ser ou não ser negro chega causando uma conversação polifônica entre o “eu” e o “mim”, assim como em uma sinfônica – na qual, estando os sons juntos, recebe uma nova categoria de instrumento durante a composição – ou na linguística de Bakhtin (2010), que indica a colocação de outras vozes (falas das personagens) dentro de um enredo já construído. Nesse viés, a polifonia constitui-se a partir de uma função ontológica, definindo o *Self* “[...] como uma multiplicidade de posições do “eu” que dialogam entre si, contudo, em um espaço comum, onde a simultaneidade das vozes envolvidas no diálogo é a expressão da descentralização do self.” (SOUZA; GOMES, 2009, p. 370).

A complexidade do *Self* de Bovary é a mesma identificada na sua história de vida que é parte de uma construção histórica e social ainda mais complexa, responsável – entre outras coisas – por forjar o híbrido negrogay nas muitas lógicas de não-existência e formas de excrescências que igualam o negro ao gay (FANON, 2008; MUNANGA, 2003). Como resultado disso, o “eu”, o “mim” e o “meu”/posicionamento/reposicionamento de Bovary estão em interação contrastante e



situacional, dado que emergem de um contexto de relações e experiências socioafetivas em heterodialógicos no meio dos “outros” – no qual se sente, por exemplo, o peso da melanina (SALGADO; *et al.*, 2007; FANON, 2008; IRIART; BASTOS, 2014; FREIRE; BRANCO, 2016). Sobre isso, Bovary acrescenta um relato:

Quando eu andava na rua, quando eu estava em outros ambientes e com outras pessoas, eu procurava tá mais próximo de pessoas brancas. Não queria tá perto de pessoas da minha cor. Porque eu não me aceitava. Como eu não me aceitava, também não aceitava que outras pessoas da minha própria cor sentassem perto de mim numa mesa ou num restaurante ou até mesmo na escola. Eu sempre procurava pessoas de cor clara. Cor clara no sentido, entre aspas, branca. Não aceitava mesmo essa questão de ser negro. (BOVARY, R.)

Bovary, nesse tempo narrativo, vê-se divergir do seu ideal de “eu” que, de acordo com D’Adesky (2009, p. 41), “[...] tem um grande papel na compreensão da psicologia de grupo, haja vista que, paralelamente ao seu aspecto individual, possui também um caráter social.”. Nessa lógica, vale dizer que Bovary tinha seu segredo: era *bipartido*, *negrogay*. Ser *gay* era uma “discrepância” perceptível no instante em que ele se apresentava no social, entre os “outros”, diante dos “normais”, quer dizer, ele era “desacreditado”, porque o seu estigma era rapidamente conhecido (me ocuparei desse aspecto mais adiante) (GOFFMAN, 1975). O que não acontecia com o ser negro-mestiço, visto que, nessa mescla, aspirava que o ser negro desaparecesse em uma torrente de mestiçagem branca; desejando, simplesmente, tornar-se mais claro na branquitude do “outro”. Assim, fazia-se possível “driblar” a imediata percepção desses “outros” sobre o seu “branco encardido” (SCHUCMAN, 2012), através daquilo que Goffman (1975, p. 51) chamou de “[...] cuidadosa indiferença [...]” com as “outras” pessoas da sua própria cor.

No entanto, essa “[...] situação pode-se tornar tensa, incerta e ambígua para todos os participantes, sobretudo [para] a pessoa estigmatizada.” (GOFFMAN, 1975, p. 51). Por isso, o esforço em reunir forças do corpo e da mente para que – no vaivém do mestiço em hesitante e duvidosa controvérsia (ser ou não ser) – possa escapar tanto da estigmatização quanto do isolamento, através da colaboração do “artesão mestiço” que se molda ao “‘outro’ normal” no sentido de merecer sua especial distração em relação ao segredo/seu “defeito” (GOFFMAN, 1975; DU BOIS, 1998).



A percepção do eu-criança de Bovary constrói-se pela presença da mãe, do pai, para em seguida ser pela presença de “outros” pares, ou melhor, todos os “outros” indivíduos extrínsecos à comunidade familiar (COSTA, 1983). Tal perspectiva reporta-me à corporeidade do *Dasein*, conceito criado por Heidegger – retirado do livro *Ser e Tempo* (1927), no qual, segundo a tradução feita por Márcia Sá Cavalcante, é explicado como pre-sença em referência ao caráter particular da existência humana. Quer dizer que o homem é um ser-aí, estar-aí em uma relação que é “sendo” sempre com o “outro”, existindo no mundo-com o “outro” (HEIDEGGER, 2005).

Nesse prosseguimento, Sartre, retomando a ideia de Heidegger, elabora a questão do “ser” existindo, isto é, quando já imerso no mundo, o homem se faz, construindo-se na perspectiva de “ser para-si” uma existência humana que implica um projeto que “está em situação”, “sendo-para-outro”, haja vista que é histórico; trata-se, segundo Sartre, da essência do homem (SARTRE, 1997). Com isso, estou querendo dizer que Bovary é um corpo temporal e histórico, ou seja, um corpo que, passando pelo fisiológico – o caráter ôntico, a existência física própria do ser-aí aberto para uma existência, mundo –, resulta em um corpo que assume o lugar ontológico do ser-aí, o modo de ser na existencialidade entre os “outros”, pois, sendo-no-mundo, se é (KAMPFF, 2018). Há um vínculo entre a existência ôntica – os mecanismos fisiológicos, biológicos do corpo mestiço, por exemplo – e o ontológico de Bovary que acontece no ser como existência, relacionando-se com o ser, compreendendo o seu ser e o ser dos demais no mundo circundante (COSTA, 2018).

Em vista disso, segundo Fanon (2008, p. 128), “[...] há uma projeção no meio social das características do meio familiar. É verdade que filhos [...] habituados às leis do clã, ficarão surpreendidos ao constatar que o resto do mundo se comporta de modo diferente [...]”, por este motivo, ao dizer: “Não sentávamos para falar dessa questão [...]”, a família é, de algum modo, confrontada na narrativa de Bovary acerca do seu encargo imprescindível quanto à fase inaugural das construções identitárias do indivíduo Bovary. Mas, sabemos que o dueto, inicialmente reservado ao perímetro familiar, sofre interrupções no curso das relações posteriores (COSTA, 1983); então, Bovary – uma criança de cor – cresce no seio de uma família inter-racial comum no Brasil, apesar disso (e talvez por isso), tenha se tornado uma criança conflitante “[...] ao menor contacto com



o mundo branco.” (FANON, 2008, p. 129). A fala de G.H., abaixo, elucida e exemplifica o que o autor quer dizer acerca do “menor contato” com a branquitude:

Agora, com relação à negritude era algo mais, mais forte, né? Porque o contexto em que a gente vivia no bairro [...], a gente precisava muito dessa afirmação, né, de ser negro. Eu sou negro. Inclusive por eu ter a pele mais clara as pessoas não aceitavam quando eu dizia: “Eu sou negro. Não você não é negro, você é moreno claro. Não, eu sou negro! Claro que eu sou negro”, né? Isso era muito difícil. Então, a gente já tinha essa autoafirmação da questão da negritude de fazer parte desse contexto. [...] Porque eu pude perceber, na verdade, que tudo aquilo que eu tinha vivido e que aquela, aqueles posicionamentos que eu adquiri eram oriundos exatamente desse contexto, o contexto da comunidade. Eu percebi isso, né? [...] Eu acho que o contexto em que eu vivi me favoreceu muito para isso, porque se eu tivesse convivido no meio de pessoas brancas, de pessoas de classes sociais mais abastadas, talvez eu tivesse tido muita dificuldade e tivesse até, na verdade, negado essas identidades. Mas, pelo contexto em que eu vivi, isso era muito natural. Então, na verdade, eu comecei a me empoderar, né? (G.H.)

Portanto, a família de Bovary, na sua tenra infância, é o cenário inaugural das movimentações e significações negativas e positivas acerca da cor da pele e, por esta razão, seguindo a direção de Fanon (2008, p. 127, grifo do autor), procurei “[...] considerar a família ‘como objeto e circunstância psíquicas’. A família [...] representa uma maneira que tem o mundo de se oferecer à criança.”. Contudo, não ficava evidenciada na narrativa de Bovary se a projeção da imagem desfigurada do negro no seu mundo interior acontecia através, por exemplo, de alguma forma de ditos manifestados na vida familiar por adágios preconceituosos, por profusões de discursos, chacotas e deboches cotidianos, “abrandados” por supostos “gracejos”, que teriam efeitos degradantes e consequências abusivas em Bovary; revelando, assim, uma morbidez no meio familiar, “[...] uma analogia [...], uma repetição, uma cópia de conflitos surgidos no seio da constelação familiar.” (FANON, 2008, p. 127). No entanto, como eu disse, isso não apareceu de modo espontâneo, por isto, em um dado momento perguntei-lhe:

[ANTONIO: Sobre seu pai, você o ouvia dizer que era negro?] [BOVARY] Não, não, essas questões não. Nunca, nunca disse. [ANTONIO: Então, de onde vem a revolta que você disse sentir por ter a cor da pele próxima ao seu pai?] [BOVARY] Eu fui influenciado pela mídia bastante. Enquanto criança, eu tinha muito acesso à televisão, então eu assistia, eu gostava, gostava não, gosto de filmes, novelas – hoje nem tanto –, mas, eu era vidrado. E a mídia apresentava o negro e a pessoa de tonalidade escura sofredora. O pobre, nunca tinha vantagem, sempre estava em desvantagem. E eu comecei a observar no meu contexto familiar, porque eu associava, um pouco, o contexto apresentado pela mídia com o meu contexto



familiar. E eu não queria ser essa pessoa pobre, por isso evitava ter contato com pessoas que não tinha a mesma classe social que a minha. Até com parentes que eram oriundos de lugares mais pobres. (BOVARY, R.)

As respostas de Bovary, outra vez, endereçam-me à abordagem relacional de Donati (2008) à qual a família de origem está submetida. O mencionado sociólogo ratifica a família como um corpo relacional de familiaridade e parentesco, enfatizando sua relevância na vida e nas mediações entre esses indivíduos. Conquanto, reconhece que, em contextos sociais profundamente modernizados, a família é atravessada pela sociedade, comprometendo a obrigatoriedade de sua função: a de mediar. Sobre esse pormenor, Donati (2008, p. 139, grifo do autor) declara:

A família torna-se um sistema ‘informativamente aberto’, penetrado pelas comunicações externas (sobretudo pela mídia), mesmo que operacionalmente atue na base de suas próprias regras internas (quando consegue elaborá-las; fora disso, o sistema-família entra em crise e se verifica a passagem para novas configurações). As mediações passam a ser [...] mais incertas e vulneráveis. A família continua mediando, contudo, com dificuldade crescente. [...] A família é derrotada justamente quando não consegue identificar e executar sua função de mediação.

Ao responder-me declarando que recebeu influências midiáticas, Bovary afirma que a esfera pública se aglutinou aos processos de identidades extremamente trabalhosos e custosos por dependerem da relação-família – nesse caso, genitores e filhos –, em um relacionamento de ordem privada entre gerações, entre sexos, entre indivíduos e situações ambivalentes (DONATI, 2008). Agora o que ele não pronuncia com todas as letras, no entanto não deixa de dizer nas entrelinhas, é a renitente noção do “tornar-se” branco como bênção, uma corporeidade (ser-branco) que transcende a brancura, já que, inclusive no Brasil dos dias de hoje, “[...] continua sendo a manifestação do Espírito, da Ideia, da Razão.” (COSTA, 1983, p. 5).

Consequentemente, não há desconformidade entre o projeto nacional que se quer cada vez mais branco e a vida familiar, que em Bovary, se quer mais próximo do branco possível (Sociedade ←Bovary→ Família) (FANON, 2008); afinal, existem “[...] proposições que, lenta e sutilmente, graças às obras literárias, [...] à educação, aos livros escolares, [...] ao cinema, à rádio, penetram no indivíduo – constituindo a visão do mundo da coletividade à qual ele pertence.” (FANON, 2008, p. 135). Tal qual Bovary, eu também fui, na infância, tomado pela visão dessa mundanidade que, por ser ou querer ser branca,



impossibilitou a presença de uma expressão negra em mim. A diferença está no fato de que para Bovary o veículo citado como emissário desse fetichismo, em que se idolatra o branco e sua brancura, foi a mídia; já no meu caso, deu-se pela escola e, principalmente, pela literatura, infelizmente no seu formato mais impróprio por ser infante-juvenil.

É bastante compreensível que as minhas antigas professoras quisessem, com as melhores intenções, inserir-me no universo literário através dos personagens lobatianos. No entanto, nunca saberei se elas tinham lucidez quanto às imagens postas que, de modo geral, estampavam um negro serviçal e submisso, apresentando uma marca vexatória no enredo [...] Enquanto criança, eu não tinha maturidade suficiente para reconhecer a veemência da desqualificação do/a negro/a em uma literatura voltada para a infância e a juventude. Entretanto, hoje reconheço o quanto a minha negritude foi desfigurada, fazendo-me acreditar que ser negro/negra não era glorioso, causando afastamento e exclusão da própria identidade. Pois essas representações modelaram e inscreveram a personagem de Tia Nastácia num imaginário socialmente marginal, projetando-a numa ‘não existência’ e, ‘não sendo’, só poderia ‘ser’ um ‘bicho-selvagem’ de traços grosseiros e negroides, apenas ‘a coisa’ negra, ignorante e ‘beijuda’, que só pode despertar repulsa, ou mesmo ojeriza (SOUZA, 2018, p. 22-23, grifos do autor).

Na história de vida de Bovary, é possível encontrar consequências que são também observáveis no meu fragmento narrativo, qual seja: a incapacidade de se considerar negro. Todavia, há nele um comportamento fóbico porque, diante do objeto originador da fobia, ele (Bovary) esquiva-se, evita-os sob a égide do temor e da aversão (FANON, 2008). No plano familiar, Bovary recusa ter contato com indivíduos-familiares que não faziam parte da sua família nuclear – normoconstituída por um casal heterossexual (os pais, cônjuges casados) e os três filhos naturais (a irmã, o irmão e ele) – (DONATI, 2008). Os componentes da fobia latente de Bovary eram parentes pobres (negros por associação) que se estendiam para além da família-núcleo (avós, avôs, tias, tios e os primos) que viviam proximamente à família de modo extensivo, formando a família extensa (FLEXOR, 2015). Contou-me ele:

Quando visitávamos os meus avós [...] que moravam na fazenda, no caminho [...] via aquelas casinhas pobres e eu dizia: ‘eu não quero ser dessa origem não!’ [risos] Enquanto criança, eu dizia: ‘não quero ser dessa classe não!’ E isso foi mexendo comigo e eu fui isolando essas pessoas, esses parentes. E quanto eu chegava na fazenda dos meus avós, eu não queria contato com as crianças do lugar. Pra brincar, nunca! Pra mim era uma afronta. Então, eu queria tá perto de pessoas que se destacavam, economicamente e na raça. Eu queria ter contato com pessoas brancas. (BOVARY, R.)



No trecho acima, a fobia fica mais inequívoca na forma descritiva do social (casinhas pobres, da roça) e no biológico (pessoas não-brancas). Ao dizer: “[...] era uma afronta [...] eu queria tá perto de pessoas que se destacavam, economicamente e na raça [...] queria ter contato com pessoas brancas [...]”, Bovary vai às últimas consequências, pois se vê ultrajado por uma origem designada no corpo negro, pobre e sem notoriedade, atrapalhando o seu esquema “postural” de comportar-se enquanto branco, bem com o seu pretense projeto de tornar-se branco (FANON, 2008).

Minha cabeça era fértil [risos]. Sabe o que eu criei? Criei uma imagem deles [os pais] [risos]. Eu associei eles às pessoas ricas. [...]. Então, eu me via como pessoa de classe média, rica, né? Eu comecei a criar isso na minha cabeça como uma defesa [...] A família da minha mãe é branca mesmo e tem mais condições que a família do meu pai. As pessoas da família da minha mãe são pessoas que gostavam de estudar, né? Como pessoas de formação, até em nível superior, com seus empreendimentos e fazendas. Isso eu não via na família do meu pai. Na família do meu pai predominava mais o negro e as pessoas não tinham o contexto da família da minha mãe. Eram pessoas que tinham que batalhar. Tinham que optar, tinham que ou estudar ou trabalhar. [...] Eu tinha contato com a família do meu pai como pessoas que precisavam batalhar, acordar cedo, que tinham que ir à luta, não gostavam de estudo [risos], a escola eles não simpatizavam, iam por obrigação [risos] [...]. Já a família de minha mãe me traz um contexto que eu queria, naquela época, de ter e ser. (BOVARY, R.)

O eu-criança de Bovary enfrenta sentimentos de ordem antagônicas. Nessa movimentação de significação (ser e não ser), acaba por inventar um ser em detrimento do real que, por ser negro-mestiço, é rejeitado e negado. A percepção da sua cor de pele clara funciona como o acesso ao *status* diferenciado e privilegiado em uma hierarquia cromática. Portador de uma cor quase branca, comportar-se como tal, enquanto imaginava-se em uma brancura plena. Nesse sentido, a parentela mais pobre, mais escura, mais distante dos louros, ruivos e dos amorenados – que, de algum modo, avizinham-se da estética helênica reguladora do que deve/quem deve figurar os produtos da mídia – eram opostos ao seu ideal branco ou a indulgente aproximação ao branco; a execução das duas opções passa pelo rechaço ao ser negro (D’ADESKY, 2009).

### ARREMATANDO

Bovary é negro-mestiço, porém, “não sabe”, porque também é branco-mestiço por parte da mãe. Contudo, sabe que também o é, digo: negro-mestiço por ter pai de tez negroide. Ele procura se destacar, sentar-se e comportar-se como branco, fazendo-se



esquecer sua negrura. Como se faz isso? Na medida em que se desvela a parte “anômala”, livra-se dela. É como se pedisse ao “outro” para não olhar sua pele misturada, seu cabelo crespo ou qualquer vestígio desse “ser” indesejável. Ao invés disso, por que não mirar nas suas qualidades de branco?

Isso me afetou bastante, porque eu tive que criar personagem, criar outros, né? Para me destacar. [...] Era um destaque para [pausa curta] cobrir um problema, uma... como é que eu posso usar? [pausa curta], cobrir o Bovary verdadeiro, aquele que era abusado, ridicularizado; então, eu tive que criar esses personagens. Então, eu cresci criando personagens pra mim, né? [...] coisas que no meu dia a dia eu tenho que camuflar tudo isso. Eu tenho que mostrar um Bovary forte, né? Um Bovary superior, né? (BOVARY, R.)

A questão é que ausência total ou a presença dos traços negroides ou da condição social de Bovary permanentemente corporificada/interpretada em veículos midiáticos por mulatos, morenos, sararás, jambos etc., negros mestiços submetidos aos critérios de hierarquização subvalorizada, fez eclodir em Bovary o repúdio à origem simples da família que é, na sua ótica, a confirmação do “inconsciente” coletivo, ou seja, negro é mal educado, indolente, imoral, selvagem.

Conclusão: Bovary só pode ser branco pelo “inconsciente” coletivo e pela quase integralidade do seu próprio “inconsciente” e singularização (FANON, 2008; D’ADESKY, 2009). Daí sua identificação com os membros brancos da família (quinhão da mãe) e a vinculação do “ser negro” enquanto desvantagem; parte de uma realidade paralela criada como autodefesa e repulsa à ancestralidade negra (quinhão do pai) e, conseqüentemente, aos familiares que “corroboram” as estereotipações.

A família é confrontada no seu papel imprescindível na construção das identidades, pois é campo psíquico, simbólico, biológico e genético, é território de movimentação, significação e invenção do “ser negro” rejeitado e negado. Nesse sentido, a vinculação do “ser negro” enquanto desvantagem é parte de uma realidade paralela criada como autodefesa e repulsa à ancestralidade negra representada e corporificada nos familiares que “confirmam” o estereótipo negativo.

Portanto, as dinâmicas familiares, suas estruturas, experiências emocionais e intercâmbios familiares influenciam sobremaneira o processo da construção “de si” negrogay no sentido da emancipação (ser) ou da interdição (não ser). Por conseguinte, há na categoria híbrida negrogay relações internas entre as subjetividades, o contexto social,

as experiências e as formas de subjugação que se igualam. Posto isso, o negrogay passa por uma relação persecutória entre a subjetividade, a identidade e o corpo, compondo, assim, às vicissitudes “de si” negrogay.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, Giorgio. Infância e história: destruição da experiência e origem da história. Tradução de Henrique Burigo. Belo Horizonte: *Editora UFMG*, 2005.

ARENDT, Hannah. A condição humana. Tradução de Roberto Raposo. Rio de Janeiro: *Forense-Universitária*, 1987.

ASSIS, Machado de. Quincas Borba. *Coleção Digital Machado de Assis*. Disponível em: <<http://machado.mec.gov.br/obra-completa-lista/itemlist/category/23-romance>> . Acesso em: 15 jul. 2020.

BAHKTIN, Mikhail. Problemas da poética de Dostoiévski. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: *Forense Universitária*, 2010.

BAUMAN, Zygmunt. Modernidade líquida. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: *Zahar*, 2001.

BERMAN, Marshall. Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade. Tradução de Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: *Companhia das Letras*, 1986.

BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari Knopp. Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos. Tradução de Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Portugal: *Porto Editora*, 1994.

COSTA, Denise Magalhães da. Corporeidade e existência em Heidegger. *Revista Ideação*, n. 38, p. 149- 158, Julho/Dezembro 2018. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/330860478\\_CORPORDEIDADE\\_E\\_EXISTENCIA\\_EM\\_HEIDEGGER](https://www.researchgate.net/publication/330860478_CORPORDEIDADE_E_EXISTENCIA_EM_HEIDEGGER)> Acesso em: 16 set. 2020.

COSTA, Jurandir Freire. Da cor ao corpo: a violência do racismo. In: SOUZA, Neusa Santos. Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: *Graal*, 1983. p. 1-16.

CROCHÍK, José Leon. Preconceito, indivíduo e cultura. São Paulo: *Casa do Psicólogo*, 2011.

CROCHÍK, José Leon. Preconceito, indivíduo e sociedade. *Temas psicol.* Ribeirão Preto, v. 4, n. 3, p. 47-70, dez. 1996. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-389X1996000300004&lng=pt&nrm=is](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1996000300004&lng=pt&nrm=is)>o Acesso em: 01 ago. 2020.

D'ADESKY, Jacques. Pluralismo étnico e multiculturalismo: racismos e anti-racismos (sic) no Brasil. Rio de Janeiro: *Pallas*, 2009.

DAFLON, Verônica Toste. Tão longe, tão perto: Identidades, discriminação e estereótipos de pretos e pardos no Brasil. Rio de Janeiro: *Mauad X*, 2017.

DONATI, Pierpaolo. Família no século XXI: abordagem relacional. Tradução de João Carlos Petrini. São Paulo: *Paulinas*, 2008.

DU BOIS, William Edward Burghardt. As almas da gente negra. Tradução de José Pereira da Costa. Porto Alegre, 1998. Disponível em: <<https://afrocentricidade.files.wordpress.com/2016/04/as-almas-do-povo-negro-w-e-b-du-bois.pdf>> Acesso em: 15 set. 2020.

FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: *EDUFBA*, 2008.

FLAUBERT, Gustave. Madame Bovary: costumes de província. Tradução de Fúlvia M. L. Moretto. São Paulo: *Nova Alexandria*, 2007.

FLEXOR, Maria Helena Ochi. História da família no Brasil (parte II). In: BASTOS, Ana Cecília de Sousa; et al. (Org.). Família no Brasil: recurso para a pessoa e sociedade. Curitiba: *Juruá*, 2015. p. 67-110.

FREIRE, Sandra Ferraz de Castillo Dourado; BRANCO, Angela Uchoa. A Teoria do Self Dialógico em Perspectiva. *Psic.: Teor. e Pesq.*, Brasília, Jan-Mar 2016, v. 32 n. 1, p. 25-33. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-37722016000100025&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-37722016000100025&script=sci_abstract&tlng=pt)> Acesso em: 02 set. 2020.

GOFFMAN, Erving. Estigma. Tradução de Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. Rio de Janeiro: *Zahar Editores*, 1975.

GONZAGUINHA. Pequena memória para um tempo sem memória (A legião dos esquecidos). In: LP De Volta ao Começo. Intérprete/compositor: Gonzaguinha. Brasil: *EMI-Odeon*, 1980.

HEIDEGGER, Martin. Ser e tempo: parte I. Tradução de Márcia de Sá Cavalcante. Petrópolis: *Vozes*, 2005.

HERMANS, Hubert. J. M.; KEMPEN, Harry. J. G.; VAN LOON, Rens J. P. (1992). The Dialogical Self: beyond individualism and rationalism. *American Psychologist*, v. 47, n. 1, p. 23-33. Disponível em: <<http://huberthermans.com/wp-content/uploads/2013/09/102.pdf>> Acesso em: 06 set. 2020.

IANNI, Octavio. A racialização do mundo. *Tempo Social; Rev. Sociol. USP*, S. Paulo, v. 8, n.1, p. 1-23, maio 1996. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/ts/v8n1/0103-2070-ts-08-01-0001.pdf>> Acesso em: 15 set. 2020.

IRIART, Mirela Figueiredo; BASTOS, Ana Cecília de Sousa. Identidades narrativas: construindo sentidos na travessia da juventude. *Fractal, Rev. Psicol.*, v. 26, n. 1, p. 71-88, Jan./Abr. 2014. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/fractal/a/kmLcmMNX8k5GtcBPbt4Sk3b/abstract/?lang=pt>> Acesso em: 02 set. 2020.

KAFKA, Franz. A metamorfose. Tradução e posfácio de Modesto Carone. São Paulo: *Companhia das Letras*, 1997.

KAMPPFF, Vânia Lúcia. Corporeidade: o modo de ser incorporado na vida. *Revista Analógos*, 2018, n. 1, p. 116-123. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/34382/34382.PDFXXvmi=W4pzK5Dn409kir2FIB5EKjAoRKJzRvvqTup1bzdeucVR5TFfIHtkosrvMexKVrxcmHCGZOPQmKMjiBzkVzTvTaZrAgZwIzgGx3nBQR7eIQInfeK7CoJuFHSaAfMABuM2MM2xbmfTtubcQLPk68pvop51xhG48z855OdawxmletJx2RaeVEzi2jQzcxHKd46E9pSRURI18WoOMNfnOLglMO4ojfOUaKncLKmT26uqI0poWFG7dl7fRrEAL5a45PeP>> . Acesso em: 16 set. 2020.

KEHL, Maria Rita. Bovarismo brasileiro: ensaios. São Paulo: *Boitempo*, 2018.

LISPECTOR, Clarice. A Paixão Segundo G.H. Rio de Janeiro: *Rocco*, 2009.

MORRISON, Toni. Amada. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: *Companhia das Letras*, 2011.

MORRISON, Toni. O olho mais azul. Tradução de Manoel Paulo Ferreira. São Paulo: *Companhia das Letras*, 2003.

MOTT, Luiz. Homossexuais da Bahia: dicionário biográfico séculos XVI-XIX. Salvador: *Editora Grupo Gay da Bahia*, 1999.

MOURA, Abdalaziz de. Filosofia e princípios da PEADS (Pe) e do CAT (Ba). In: BAPTISTA, Francisca Maria Carneiro; BAPTISTA, Naidison de Quintella (Org.). Educação rural: sustentabilidade do campo. Feira de Santana, BA: MOC; UEFS; Pernambuco: *SERTA*, 2003. p. 17-27.

MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. In: *Seminário Nacional Relações Raciais e Educação-PENESB*. Rio de Janeiro, 2003. *Anais[...]*. Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/Uma-abordagem-conceitual-das-nocoes-de-raca-racismo-identidade-e-etnia.pdf>> Acesso em: 15 out. 2019.

OLIVEIRA, Eduardo de Oliveira e. O mulato, um obstáculo epistemológico. *Argumento*, Rio de Janeiro, ano 1, nº 3, p.65-74, jan. 1974. Disponível em: <<https://pt.slideshare.net/PriscilaSouza19/o-mulato-um-obstaculo-epistemologico>> Acesso em: 15 out. 2019.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Memorial de Formação. In: OLIVEIRA, Dalila Andrade; DUARTE, Adriana Maria Cancela; VIEIRA, Lívia Maria Fraga. *Dicionário: trabalho, profissão e condição docente*. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010. CDROM.

PRATA, Antonio. Meio intelectual, meio de esquerda. São Paulo: *Editora 34*, 2010.

RABINOVICH, Elaine Pedreira. Por uma autobiografia da infância e da poética. In: SOUZA, Elizeu Clementino de (Org.). (Auto)biografia e documentação narrativa: dados de pesquisa e formação. Salvador: *EDUFBA*, 2015. p. 149-160.

RICOEUR, Paul. A memória, a história, o esquecimento. Tradução de Alain François; *et al.* Campinas, SP: *Editora da Unicamp*, 2007.

RICOEUR, Paul. Percurso do reconhecimento. Tradução de Nicolás Nyimi Campanário. São Paulo: *Edições Loyola*, 2006.

RISÉRIO, Antonio. Movimentos negros repetem lógica do racismo científico, diz antropólogo. *Folha de São Paulo Digital*, São Paulo, 16/12/2017. Seção Ilustríssima. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2017/12/1943569-movimentos-negros-repetem-logica-do-racismo-cientifico-diz-antropologo.shtml>> . Acesso em: 07 set. 2020.

SALGADO, João; *et al.* Self dialógico: um convite a uma abordagem alternativa ao problema da identidade pessoal. *Revista Interações*, n. 6, p. 8-31, 2007. Disponível em: <<https://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/view/333>> . Acesso em: 02 set. 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 63, outubro de 2002, p. 237-280. Disponível em: <[http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/pdfs/Sociologia\\_das\\_ausencias\\_RCCS63.PDF](http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/pdfs/Sociologia_das_ausencias_RCCS63.PDF)> Acesso em: 01 set. 2020.

SARTRE, Jean-Paul. O existencialismo é um humanismo. Tradução de João Batista Kreuch. Petrópolis, RJ: *Vozes*, 2014.

SARTRE, Jean-Paul. O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica. Tradução de Paulo Perdigão. Petrópolis, RJ: *Vozes*, 1997.

SARTRE, Jean-Paul. Questão de método. Tradução de Bento Prado Júnior. São Paulo: *Difusão Européia do Livro*, 1967.

SCHUCMAN, Lia Vainer. Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana. 160 f. *Tese (Doutorado em Psicologia Social)* – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

SCHUCMAN, Lia Vainer. Famílias inter-raciais: tensões entre cor e amor. Salvador: *EDUFBA*, 2018.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na sociabilidade brasileira. São Paulo: *Claro Enigma*, 2012.

SOUZA, Antonio José de. Educação para as relações étnico-raciais: África próxima e separada de nós!. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, v. 12, n. 32, p. 297-325, abr. 2020. Disponível em: <<https://abpnrevista.org.br/index.php/site/article/view/873>> Acesso em: 04 fev. 2021.

SOUZA, Antonio José de. O já-dito e não-dito acerca das identidades e cultura afro-brasileira: histórias de vida-formação-profissão dos docentes de classes multisseriadas. Curitiba: *CRV*, 2018.

SOUZA, Mariane Lima de; GOMES, William B. Temporalidade e espacialidade na estrutura do self nas abordagens semiótica e dialógica. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 14, n. 2, p. 365-373, abr./jun. 2009. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-73722009000200018&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-73722009000200018&script=sci_abstract&tlng=pt)> Acesso em 02 set. 2020.

*Recebido em: 16/02/2021*

*Aprovado em: 03/07/2021*